



A FLOR, A NÁUSEA E A INQUIETUDE: UM POETA DIANTE DA INCOMPREENSÃO DA VIDA E DA PERPLEXIDADE HUMANA

Mariluce da Silva Oliveira¹

marhyoli2013@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

Resumo. *O presente artigo propõe uma análise do poema “A Flor e a Náusea”, do poeta Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1945 no livro A Rosa do Povo. O objetivo é analisar o poema a partir das concepções históricas e contextuais do período em que o mesmo foi escrito e divulgado. Para tanto partimos do estudo analítico não só do poema como também do livro, considerando as características de cada fase do modernismo, sobretudo a terceira fase, a qual está situada durante a Era Vargas e fim da Segunda Guerra Mundial, um período de conflitos que acabaram por estimular o consumismo e por consequência o crescimento do capitalismo, dando origem a uma produção literária voltada principalmente à crítica sociopolítica e uso da metalinguagem. Para o estudo foram utilizados autores como Adorno, Candido, Lafetá, entre outros.*

Palavras Chave. *Modernismo no Brasil, a flor, náusea, análise, contexto social.*

Abstract. *This article proposes an analysis of the poem “A Flor e a Náusea”, by the poet Carlos Drummond de Andrade, published in 1945 in the book A Rosa do Povo. The objective is to analyze the poem from the historical and contextual conceptions of the period in which it was written and published. For that, we start from the analytical study not only of the poem but also of the book, considering the characteristics of each phase of modernism, especially the third phase, which is situated during the Vargas Era and the end of the Second World War, a period of conflicts that ended for stimulating consumerism and, consequently, the growth of capitalism, giving rise to a literary production focused mainly on sociopolitical criticism and the use of metalanguage. Authors such as Adorno, Candido, Lafetá, among others, were used for the study.*

Keywords. *Modernism in Brazil, the flower, nausea, analysis, social context.*

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras –UEMS Unidade Universitária de Campo Grande- MS



1. Introdução

Sobre o Modernismo no Brasil salienta-se que o marco inicial ocorreu a partir da segunda década do século XX, com a organização e manifestação artístico-cultural da Semana da Arte Moderna em 1922. Dividindo-se em três fases, em que cada uma apresenta características próprias e se distanciam umas das outras, desde inovação e experimentação estética da primeira fase; passando por questões sociais, regionais, econômicas e culturais, na segunda; até um contexto de preocupação social em decorrência dos conflitos políticos que envolvia não só o país como também no mundo na época, ambientando-se assim a terceira fase (1945-?). Sobre essa última fase não há um consenso entre os estudiosos em relação à duração dela, com divergência entre os críticos.

Alguns teóricos apontam que a terceira fase perdura entre 1960 e 1980. Outros, contudo, ressaltam que esta última é mais complexa de definir uma continuidade, pois o Golpe de 1964 criou uma condição diferente e a literatura trilhou caminhos inesperados em termos de produção, teorização e crítica. Para tanto será considerada como embasamento deste estudo tanto a segunda quanto a terceira fase como fontes principais de análise neste trabalho de análise, além de partir dos contextos histórico sociais, cujo intuito será realizar uma leitura analítica do poema escolhido para tal.

Para o estudo da Literatura Modernista faz-se necessário que os projetos estético e ideológico, tese defendida por João Luiz Lafetá sobre o Modernismo, assim como os seus desdobramentos, sejam considerados, além de seus contextos, transformações sociais, históricas e culturais. Dessa forma, é de suma importância para este trabalho (re)conhecer a consolidação de uma arte de ruptura no século XX, bem como estudar e entender o Modernismo a partir de seu contexto por meio de pressupostos críticos e teóricos.

Feitas estas considerações, ressalta-se como objetivo deste estudo gerar uma reflexão acerca da relevância do contexto histórico e cultural para o entendimento, interpretação e análise das obras literárias provenientes do século XX, e, sobretudo para as obras publicadas no fim da segunda fase e início do período da terceira fase modernista, a fim de corroborar para a análise do poema “A Flor e a Náusea”



publicado em *A Rosa do Povo* no ano 1945.

O poema “A flor e a Náusea” é o terceiro poema do livro *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, escrito entre 1943 a 1945. Esse livro traz um olhar voltado ao Brasil da ditadura na Era Vargas e principalmente para a Segunda Guerra Mundial, fase de consciência social em que o poeta fala sobre os conflitos e desdobramentos de uma época que ficara marcada por uma série de acontecimentos impactantes. Fala ainda sobre a cisão ideológica, da vida nas cidades, e também sobre o amor e a morte. Surge assim uma fase de poesia mais intimista de Drummond, uma poesia a partir da observação daquela que era então a capital do país, a cidade do Rio de Janeiro, que a esta altura se urbanizava com deveras fugacidade.

Affonso Romano de Sant'Anna em seu prefácio da 43ª edição do livro, afirma que a obra *A Rosa do Povo* é crucial em meio ao conjunto das produções drummondianas, pois este é considerado um de seus livros mais fortes em relação aos anteriores, tanto poética quanto politicamente:

A Rosa do povo foi o seu quinto livro de poesia. [...], o mais volumoso de seus livros, possui poemas longos que usam até recursos dramáticos, como “o Caso do vestido”. Em vários desses poemas recupera a narratividade, o contar uma história coisa que existiu na poesia, e que no modernismo havia refugado. Assinale-se, portanto que ao publicar *A Rosa do Povo* o poeta já não vive na província, não é tão jovem, deslocou-se *do Brejo das Almas* (1934) e como *José* (1942) atônito na grande cidade já descobriu o *Sentimento do mundo* (1940). (SANT'ANNA, 2008, p. 09)

Este caminho apontado por Sant'Anna é válido e coerente para que, ao ler, possamos entender a escrita de Drummond a partir da perspectiva de cada fase e contexto da escrita do poeta, além de perceber como obras-primas diferentes em tempos diferentes possuem a mesma capacidade intelectual de um poeta tímido, sensível, intimista e inquieto que traz consigo os problemas do seu tempo e o sentimento em relação a eles, além das frustrações e também das esperanças humanas que o levam a realizar uma das melhores poesias sociais brasileira do século XX.



2. Carlos, o *gauche* que não permanecera à sombra.

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira de Mato Dentro, Minas Gerais no ano de 1902 onde permaneceu até 1920, quando se muda com a família para a capital. Estudou e formou-se em Farmácia na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte no ano de 1925, contudo o curso ficara apenas para fins de formação, pois nunca exerceu a profissão, uma vez que o mesmo foi um poeta de alma e ofício e teve seus primeiros trabalhos publicados já em 1921, em Belo Horizonte, no Diário de Minas, antes mesmo de se matricular no curso em 1923.

No período em que começa a publicar seus primeiros trabalhos, Drummond conhece outros escritores, como Milton Campos, Abgnar Renault, João Alphonsus, Aníbal Machado, entre outros frequentadores do café Estrela e da Livraria Alves. Mais tarde conhece também Manuel Bandeira a quem apresenta grande estima e admiração. Em 1924 se encontra com os idealizadores da Semana de Arte de Moderna e aproxima-se principalmente de Mário de Andrade através da troca de correspondências que durariam até pouco antes da morte de Mário, em 1945.

Ainda que Drummond seja tradicionalmente considerado pela maioria dos críticos um autor da segunda fase modernista – a chamada “geração de 30” o autor transitou por todas as fases do Modernismo. Publicou seu primeiro livro *Alguma Poesia*, em 1930, o poeta de sete faces o “gauche” de consciência, tímido e de isolamento. Um livro composto por 49 poemas que empregam recursos da primeira fase modernista como a ironia, o humor, o poema-piada, a síntese e uma linguagem mais coloquial e que são conhecidos até a atualidade. *Alguma Poesia* foi escrito entre 1925 e 1930, sendo os poemas selecionados criteriosamente por Drummond, e revisados por Mário de Andrade, seu grande amigo e incentivador, a quem o poeta dedicou o livro.

Coube a Mário de Andrade também a primeira análise do livro, publicada no jornal Estado de Minas, sob o título “Apareceu Ontem o Livro de Carlos Drummond de Andrade”:

Alguma Poesia é uma surpresa agradável que talvez reanime os nossos intelectuais. No livro, diga-se de passagem, a emoção, por mais



profunda, não se descontrola em derramamentos líricos. Podendo viver, portanto, sem excessos – clara e forte, como nasceu. Na verdade, é essa, inatamente, a mais humana das feições poéticas. (ANDRADE *apud* PRADO, 2021, p. 32).

Após quinze anos da publicação de seu primeiro livro, Drummond lança *A Rosa do Povo*, cujos 55 poemas foram escritos entre os anos de 1943 e 1945, no Rio de Janeiro, tempo em que o poeta era chefe de gabinete do Ministro da Educação, Gustavo Capanema, cargo assumido em 1934, durante o governo Getúlio Vargas, época conhecida como Estado Novo em que Vargas reforçou o seu poder, reduziu as liberdades civis e implantou a censura de opiniões contrárias ao governo, além disso, iniciou a produção de propaganda que ressaltava seu governo e sua liderança.

Por isso o livro em análise neste trabalho é tão crucial, não só pela importância poética e histórica, como também pela amplitude de suas temáticas quando consideramos o contexto no qual foi escrito e publicado.

3. A Esperança x A Angústia do Poeta.

“A Flor e a Náusea” é um poema composto por quarenta e sete versos livres, inovação modernista que não segue nenhuma regra métrica, divididos em dez estrofes que variam desde tercetos, quadras, quintilhas, sextilhas até septilhas. Os versos têm número variado de sílabas sendo, portanto versos irregulares, seguindo um ritmo novo, liberado e imprevisível. Versos sem rimas, características próprias da primeira e segunda fase da literatura modernista: de inovação e ruptura com a construção de poesia clássica e tradicional, como podemos observar ao lermos o poema:

A flor e a náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.



O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres mas levam jornais
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.
Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.
(ANDRADE, 2008, p. 27)

O teórico João Luiz Lafeté traz uma ideia esclarecedora sobre essa questão modernista utilizada por Drummond. Para o autor as conquistas estéticas se tornaram eventuais e por isso estes procedimentos são tanto da primeira quanto da segunda fase. Sobre isso Norma Goldstein corrobora:



As normas métricas foram seguidas de modo diferente em cada período literário. Ora se preferia determinado esquema rítmico, ora se mesclavam diferentes tipos de metros. Em certas épocas surgiam uma inovação. A mais marcante historicamente foi o verso livre modernista que não segue nenhum tipo de esquema rítmico preestabelecido. (2006, p. 18).

Para a análise deste poema, iniciemos pelo seu título "A Flor e a Náusea" sob uma perspectiva que demonstra a representatividade de uma consciência social e de resgate do próprio eu, considerando um cenário voltado ao final da Segunda Guerra Mundial, e com a censura instaurada no Brasil na mesma época. Sob essa ótica é possível à leitura de um país com seus impasses diante do processo de modernização. Candido afirma:

As convicções de Drummond se exprimem com nitidez suscitando poemas admiráveis, alusivos tanto aos princípios, simbolicamente tratados, quanto aos acontecimentos, que ele consegue integrar em estruturas poéticas de maneira eficaz, quase única no meio de aluvião de versos perecíveis que então se fizeram. (CANDIDO, 1995, p. 79)

Seguindo este pressuposto, podemos considerar que a *flor* remete à esperança e resistência diante da realidade em que o poeta se encontra e se percebe. Além de associá-la à própria poesia, através de um recurso da metalinguagem, como confirmaremos posteriormente em alguns versos do poema. Segundo o autor Sanseverino (2008, p.56), a subjetividade de Drummond se “constitui na relação tensa entre os termos antagônicos e excludentes” e o poeta faz uso das expressões líricas sem se esquecer dos tempos e vida presentes.

Náusea, por sua vez, associamos à angústia do poeta, pois se percebe um sujeito inquieto, porém ainda impotente em relação às questões das mazelas humanas e sociais da época.

Da mesma forma, no livro *A Náusea*, do filósofo Jean-Paul Sartre, publicado em 1938, o personagem se vê desiludido e não consegue perceber mais sentido na vida, o que gera uma profunda impotência, trazendo para si uma reflexão que o mesmo expressa através da escrita, neste caso, em um diário, assim como faz o eu lírico no poema em análise. Em *A Náusea* de Sartre o personagem escreve:



Eu estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas, no próprio seio desse êxtase, qualquer coisa de novo acabava de aparecer; eu compreendia a náusea, possuía-a. A bem dizer, não formulava intimamente as minhas descobertas. Mas creio que me seria fácil, agora, traduzi-las em palavras. O essencial é a contingência. Quero dizer que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é estar presente, simplesmente; os existentes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca se podem deduzir. Há pessoas, creio eu, que perceberam isto. Somente, tentaram dominar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio (SARTRE, 2003 p.140)

Em contrapartida, o eu lírico do poema “A Flor e a Náusea” transmite em versos toda a sua angústia como meio de amenizar o sentimento de impotência diante de sua realidade. Já na primeira estrofe o eu lírico demonstra pertencer a uma classe, podendo se tratar tanto da classe dos poetas modernistas, da qual Drummond fazia parte, quanto das situações sociopolíticas em que estava inserido, neste caso chefe de gabinete no governo.

Enquanto Sartre, paradigma do escritor intelectual, usa (e abusa) de sua notoriedade para criticar e falar por aqueles que não podem falar, a posição de Drummond como chefe de gabinete do governo getulista é, ao contrário, impedimento para ele ainda falar livremente, pois neste contexto estava inserido dentro do poder que ficou conhecido como Estado Novo - período da Era Vargas que se iniciou em 1937 e terminou em 1945 e que ficou caracterizado por seu caráter de censura: Segundo biblioteconomista e professora Dilva Frazão (2022)

A Era Vargas foi marcada por um regime ditatorial do Estado Novo e ao mesmo tempo, pela criação de importantes leis trabalhistas, entre eles, o salário mínimo, a carteira de trabalho e as férias anuais remuneradas. Foi popularmente chamado de pai dos pobres. (Frazão, 2022)

Todavia, é possível perceber já nos primeiros versos a necessidade do eu lírico de mostrar a sua contrariedade e insatisfação em relação a esta época e contextos, quando este afirma ir de branco pela rua cinzenta logo nos primeiros versos que trazem o poema, inferindo-se ser uma forma de protesto.

Estes versos aparecem como uma antítese, pois representa a pureza, a tranquilidade e a calma com que o eu lírico enfrenta a rua cinzenta, metáfora relacionada ao tempo e aspectos sombrios diante do contexto da cidade que cresce



e também dos resquícios da guerra. Os versos desta primeira estrofe mostram um eu lírico cheio de dúvidas que o inquietam “melancolias, mercadorias, espreitam-me”, o uso da aliteração nesses versos, volta ao passado em relação a construção estética dos versos (essa fase modernista não se opõe à liberdade formal, mas expressa continuidade da mesma em relação às composições dos versos e esquemas poéticos. e a diferencia da primeira fase) e que representa a tristeza e solidão, versus o capitalismo que ganhava força neste momento e que confundem o eu lírico.

Ainda nesta estrofe percebe-se também a representação das incertezas e das ações a serem tomadas pelo eu lírico que ao se inquietar se questiona se deve seguir até o enjoo, revoltar-se e como poderia fazê-lo sem as armas – termo, cuja menção é enfatizada no poema, principalmente por se tratar de um contexto de guerra e de pós-guerra.

Isso se explica porque, segundo Candido (1995), a obra de Drummond se define pela presença de uma subjetividade tirânica que se impõe, mas o deixa culpado, contrafeito, o que gera uma inquietude no poeta “que o faz oscilar entre o eu, o mundo e a arte, sempre descontente e contrafeito”. O que implica, portanto, buscar forças a fim de resistir a todas essas composições ocorridas através dos tempos, afrontando-as pela reflexão e conseqüentemente pela ação.

No primeiro verso, que inicia a segunda estrofe, não fica evidente quem realmente observa o que/quem. De quem são os olhos sujos? Estão na torre, ou são os olhos do próprio eu lírico? Em sequência, afirma-se que o tempo não chegou de completa justiça, afinal, falamos do contexto de final da Segunda Guerra Mundial, que mesmo chegada ao fim deixou rastros de dor e sofrimento, pessoas que sofreram e que sofrem num cenário mais próximo, no caso em nosso país, já que se encontrava em um contexto de ditadura e censura.

Seguindo os versos desta estrofe, o eu lírico complementa o raciocínio afirmando de que o tempo é ainda de resíduos de coisas ruins, de escritas ruins, tempo e poeta pobres, em sentido de que neste momento nada há o que fazer e que o mesmo se mistura neste impasse: a espera deste tempo ruim passar.

Nas segunda e terceira estrofes, estilisticamente ocorre novamente o recurso da aliteração, da letra *p*, e *s*, respectivamente, figura de linguagem utilizada como recurso para dar maior expressividade aos versos, configurando mais uma



característica da fase modernista em questão, como podemos comprovar ao retomarmos a leitura das estrofes.

Ao observarmos a terceira estrofe convém novamente ressaltar um eu lírico sujeito ao contexto em se encontra, um sujeito que tenta se posicionar, que não concorda com as coisas que ocorrem neste cenário, mas que ainda não é ouvido, ficando então sem forças para contrariar e agir, pois está atônito, sem reação e sem perspectiva da ação humana, pois apesar da tentativa de conversas com os que possuem ideias contrárias, ainda não consegue renová-las e/ou convencê-los.

O segundo verso o compreendemos por duas vertentes: como claro sinal da censura da época, pois o governo publicava o que convinha (códigos), sob pagamentos (cifras) em propagandas a seu favor, pois segundo Frazão (2022), a ditadura de Vargas se tornou uma realidade: o parlamento foi extinto, a censura aos meios de comunicação oficializados e os partidos políticos proibidos:

No final de 1939 criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que tinha como função a censura e o “culto à sua personalidade”. Com o Plano Cohen – documento que simulava uma revolução comunista – começou uma perseguição violenta contra sindicatos e potenciais candidatos da oposição. (FRAZÃO, 2022).

Além disso, também podemos entender sob a ótica de mensagem cifrada e em códigos, uma vez que muitos poetas utilizavam nesta fase modernista os versos e as figuras de linguagem para a escrita, o que gera uma amplitude de interpretação para aquele que lê com devida atenção. E por fim, o eu lírico lamenta pelas coisas que para si sejam importantes, a própria escrita do poeta, mas que para os outros não teriam o mesmo valor, sendo mais uma vez uma crítica ao capitalismo e consumismo que se perpetuava.

Estes versos mostram uma face um pouco mais cruel das consequências que chegam junto com a modernidade, como por exemplo, a perda de noção entre a realidade e as relações com o mundo, inclusive com o consumismo exacerbado tornando o indivíduo totalmente alheio aos acontecimentos do cotidiano. Ao afirmar “Vomitar esse tédio sobre a cidade” é reforço da poesia crítica social de Drummond, suas convicções e princípios além do seu sentimento de “eu menor que o mundo”.



Em sequência, na quinta estrofe os versos “Crimes suaves, que ajudam a viver/ Ração diária de erro, distribuída em casa” reforçam a tese de que o governo repassava notícias que os enalteciam conforme convinha sendo este o retrato de um país que buscava na época fixar a imagem de país moderno e igualitário, mas onde viviam personagens que somente tinham valor enquanto podiam ser explorados e que o eu lírico afirma ter feito parte e mostra-se novamente inquieto e sem ação diante dos fatos. Nesse sentido, Adorno (2003, p. 25) afirma que “o teor [*Gehalt*] de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais”, o indivíduo eleva ao universal, que por consequência é essencialmente social.

A partir das próximas estrofes e próximos versos o eu lírico começa a deixar a angústia dos primeiros versos e inicia uma nova perspectiva voltada à esperança de mudanças no contexto presente, trazendo como alegoria a flor.

Tomemos como base as considerações de Aristóteles (2008) que apesar de não se referir diretamente à poesia como gênero literário, mas a um tipo de representação bastante amplo, usemos este novo olhar como algo próximo da *poiesis*, algo como um fazer poético, de que não é ofício de poeta narrar o que realmente acontece, e, sim o de representar o que poderia acontecer, ou seja, o que é possível, pois a poesia é mais filosófica e elevada do que a história, pois esta se refere ao particular e aquela principalmente ao universal.

O eu lírico começa a estrofe acima fazendo um paralelo com a fase anterior de si mesmo. O primeiro verso remete à ideia de recomeço e retoma a ideia de ruptura com aquilo que discordava. O sujeito, que outrora se mostrara apático diante de sua classe, trabalho e consumo, adquire outra coloração e o desprezo pela rua cinzenta transforma-se em encanto; inferimos que o ódio citado nestes versos redigidos é do próprio poeta. E no poema e o eu lírico ao escrever “vomita” o que de ruim o angustia, infere-se que o mesmo alcança a sua liberdade.

Nos versos seguintes a esperança surge com o nascimento da “flor”, que embora tenha nascido na rua e no asfalto (local que dificilmente uma flor nasceria e cresceria), ainda sem cor, sem pétalas, pálida, e por ora desconhecida, há a certeza por parte do eu lírico sobre a chegada de algo que renova suas forças em relação à realidade e à modernização em que se encontra. Além disso, há também o cuidado para que ela seja mantida e preservada, solicitar o silêncio para que a “flor” seja contemplada, sem deixar de mencionar, contudo o contexto de censura e consumo



que ainda o perturba ao escrever os versos “ilude a polícia” e “paralisem os negócios”, uma crítica que metaforicamente podemos vislumbrar em relação às mazelas consumistas e aos “excessos” cometidos pelos militares da época.

Igualmente, o posicionamento do poeta nos permite perceber possibilidades de se notar o mundo através de um olhar mais distante (o eu lírico angustiado) e também sob um olhar próximo (de um eu lírico renovado e com esperanças). Candido afirma:

A condição individual e a condição social pesam sobre a personalidade e fazem-na sentir-se responsável pelo mundo mal feito, enquanto ligada a uma classe opressora. O ideal surge como força de redenção e, sob a forma tradicional de uma flor, rompe as camadas que aprisionam. (1995, p.105)

Chegada à construção da última estrofe, o eu lírico observa a atmosfera de onde se encontra e escreve os versos “Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde/ e lentamente passo a mão nessa forma insegura”; infere-se aqui que o poeta vislumbra tudo que almejava: outrora um eu lírico angustiado transcende a um eu lírico cheio de esperança ao avistar as nuvens que se avolumam e o movimento das ondas do mar, comparando-as às galinhas em pânico (desordenadas), que podemos analisar como versos que sugerem como será quando todo este contexto de guerra e censura enfim acabar, ou seja, mesmo em tempos ruins, a natureza não permanece imóvel, pelo contrário segue com suas tendências e práxis, o que é possível compreender como uma analogia à sua própria existência.

Por fim o poeta nos revela, no último verso deste poema, o recurso metalinguístico utilizado por este em toda a composição do poema, de que a “flor” representa a própria esperança, e a sua própria escrita e conseqüentemente a sua própria poesia, devolvendo vida ao poeta e afastando-o daquilo que o incomoda e rompendo assim com a angústia e inquietação diante de um cenário sem cor e sem vida em que o poeta se encontrava naquele contexto.

4. Considerações finais

O poema analisado neste trabalho expressa de forma geral como os fatos acerca do mundo e da vida têm influência sobre aqueles que de certa forma possuem engajamento com a questão crítico social em um determinado contexto, o



que permite entender certas concepções a partir do contexto de produção, isto é, a partir do momento vivido por quem escreve e pela experiência e aproximação concreta com o cenário sem deixar de lado o tempo e a vida presentes.

Para tanto buscamos neste estudo salientar como o contexto e vivência do poeta pode influenciar na construção de obras, assim como, suas fases, temáticas e produções para realizar esta análise. Nesse viés, deixemos o lirismo de Drummond, presente em “A Flor e a Náusea”, e partimos do princípio de produção baseada em características da segunda fase e em transição para a terceira fase modernista, caracterizada por uma linguagem marcante e por uma nova expressão literária, uma vez que as temática foram voltadas às críticas sociais e às mazelas humanas, em um período de fim da Segunda Guerra Mundial.

Portanto, pudemos observar pela ótica atenta do poeta uma realidade a sua volta, a partir do contexto e cenários da época, além de perceber a história de um Brasil ainda em processo de modernização, centralização de poder, e aspectos que característicos do contexto da guerra por muito tempo e assim poder enfim realizar a análise do poema publicado em A Rosa do Povo, através de sua condição de produção e alegorias.

5. Referência

- ADORNO, Theodor. **Palestra sobre lírica e sociedade**. In: Notas de Literatura I. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Ana Maria Valente. 3ª Ed. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 2008.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 2ª. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Getúlio Vargas**. Última atualização: 24/10/2022 Disponível em: https://www.ebiografia.com/getulio_vargas/. Acesso em 16 de nov de 2022.
- LAFETÁ, João Luiz. **Os pressupostos básicos**. In: 1930: a crítica e o Modernismo. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000, p. 19-38.
- PRADO, Luiz. **Em “Alguma Poesia”, sujeito poético é chave para observar o Brasil**. In: Jornal da USP. 23 de jun. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/em-alguma-poesia-sujeito-poetico-e-chave-para-observar-o-brasil/>. Acesso em: 15 de jun. 2022.
- SANSEVERINO, Antônio Marcos V. **O Poeta e o Crítico, Diálogo entre Drummond e Candido**. Revista Letras. Curitiba. n.74. p.101-116. Ed. UFPR.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. Prefácio. In ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.